

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
PATRÍCIA CAMARGO

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PROPOSTA PROJETUAL PARA
REQUALIFICAÇÃO PAISAGÍSTICA DO BALNEÁRIO ARTIFICIAL NA
CIDADE DE QUEDAS DO IGUAÇU, PARANÁ.**

CASCABEL
2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
PATRÍCIA CAMARGO

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PROPOSTA PROJETUAL PARA
REQUALIFICAÇÃO PAISAGÍSTICA DO BALNEÁRIO ARTIFICIAL NA
CIDADE DE QUEDAS DO IGUAÇU, PARANÁ.**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,
apresentado na modalidade Projetual, como
requisito parcial para a aprovação na
disciplina: Trabalho de Curso:
Qualificação.

Professor Orientador: Cezar Rabel

Professor Coorientador: Fúlvio Natércio
Feiber.

CASCADEL

2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
PATRÍCIA CAMARGO

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PROPOSTA PROJETUAL PARA
REQUALIFICAÇÃO PAISAGÍSTICA DO BALNEÁRIO ARTIFICIAL NA
CIDADE DE QUEDAS DO IGUAÇU, PARANÁ.**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Professor Arquiteto Cezar Rabel e do coorientador, doutor na área de produção, área de concentração Ergonomia Fúlvio Natércio Feiber.

BANCA EXAMINADORA

Cezar Rabel
Centro Universitário Assis Gurgacz
Profº Arqº Ms.

Fúlvio Natércio Feiber
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profº Arqº Dr.

Sandra Magda Mattei Cardoso
Centro Universitário Assis Gurgacz
Arq Urb Especialista

Cascavel/PR, 23 de maio de 2017

RESUMO

O presente trabalho visa dar embasamento teórico para a nova proposta projetual da requalificação paisagística do balneário artificial na cidade de quedas do Iguaçu-PR, retomando os valores urbanísticos de um local que está inapropriado para frequentação por se encontrar em estado de abandono e degradação pela falta manutenção. Sendo assim foi proposta uma requalificação para tornar o espaço novamente frequentável, a proposta envolveu aspectos sociais, esportivos, culturais e recreativos, inserindo o paisagismo na arquitetura, com atividades de contemplação e lazer. As áreas verdes presentes no local são de importância para a cidade, visto que, atualmente a preservação da natureza é escassa e sabendo que o ambiente proposto serve de escape para a população e seus visitantes, a proposta final tem como principal objetivo trazer com áreas verdes um paisagismo agradável um local de aconchego e entretenimento. O balneário municipal representa um ambiente voltado a atividades fora dos costumes diários da população, é de suma importância para a cidade em geral. Ele acaba sendo assim, um ponto turístico fundamental para a cidade.

Palavras chave: Requalificação. Degradação. Projeto. Paisagismo. Balneário.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Praça da Liberdade	27
Figura 2: Aterro do Flamengo.....	28
Figura 3: Praça Ari Coelho.....	30
Figura 4: Lago Paprocany.....	31
Figura 5: Lago Paprocany.....	32
Figura 6: Lago Paprocany.....	32
Figura 7: Localização da Cidade de Quedas do Iguaçu.....	34
Figura 8: Vista aérea do Balneário.....	35
Figura 9: Imagens do Balneário quando estava em funcionamento em 2012.....	35
Figura 10: Imagens do Balneário quando estava em funcionamento em 2012.....	36
Figura 11: Imagens do Balneário 2017.....	36
Figura 12: Imagens do Balneário 2017.....	37
Figura 13: Imagens do Balneário 2017.....	37
Figura 14: Plano de Massa.....	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 ASSUNTO.....	8
1.2 TEMA	8
1.3 JUSTIFICATIVAS	9
1.3.1 Sócio-Cultural.....	9
1.3.2 Acadêmico-Científica	9
1.3.3 Profissional	9
1.4 PROBLEMA DE PESQUISA	9
1.5 HIPÓTESES	10
1.6 OBJETIVOS	10
1.6.1 Objetivo Geral	10
1.6.2 Objetivos Específicos	10
1.7 MARCO TEÓRICO	10
1.8 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	11
2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS	12
2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS	12
2.1.1 Arquitetura no Contexto Urbano	12
2.1.2 Arquitetura Moderna	13
2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS.....	14
2.2.1 Projetos Paisagísticos	14
2.2.2 Jardins Públicos	16
2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO	17
2.3.1 Ambiente Urbano	17
2.3.2 Vegetação Urbana.....	18
2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO.....	20
2.5 EMBASAMENTO TEÓRICO	21
2.5.1 Arquitetura Paisagística.....	22
2.5.2 Áreas Verdes.....	23
2.5.3 Áreas Degradadas	24
2.5.4 Áreas Regeneradas	25
3. CORRELATOS E REFERÊNCIAS	27
3.1 PRAÇA DA LIBERDADE	27

3.2 ATERRO DO FLAMENGO	28
3.3 PRAÇA ARI COELHO.....	29
3.4. REURBANIZAÇÃO DA ORLA DO LAGO PAPROCANY	31
4. APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO	34
4.1 O MUNICIPIO DE QUEDAS DO IGUAÇU	34
4.1.1 Localização do município.....	34
4.2 O BALNEÁRIO EXISTENTE.....	35
4.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES.....	38
4.4 PLANO DE MASSA.....	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa tem por finalidade embasar teóricamente para dar subsídios à uma proposta de requalificação do balneário artificial na cidade de Quedas do Iguaçu-PR. Justifica-se esta proposta de intervenção no local em decorrência da observação que o mesmo se encontra em situação de abandono e também, por entender que uma proposta de melhoria no seu espaço pode colaborar para a melhor conservação das áreas verdes pertencentes bem como da paisagem local.

Com a requalificação, o espaço que já foi um ponto turístico da cidade, pode voltar a ser um espaço de lazer e diversão para a população que nos dias de hoje não possui nenhum espaço público disponível. Neste contexto foi feito levantamento fotográfico e programa de necessidades apropriado.

Estabeleceu-se então como problema de pesquisa, qual a contribuição que o projeto de requalificação paisagística vai proporcionar para a cidade de Quedas do Iguaçu- PR? Visando responder ao problema proposto considerou-se como hipótese o fato de um meio que está desabilitado passará a se tornar um lugar viável e agradável que proporciona momentos de lazer ao ar livre, a prática de atividades como: vôlei na areia, caminhadas, natação, admirar o entorno, elementos da paisagem e áreas de camping.

Considerou-se como objetivo geral a elaboração do projeto paisagístico. De modo específico esta monografia buscou: elaborar referencial teórico; analisar obras correlatas; realizar o levantamento fotográfico e topográfico do local; elaborar um programa de necessidades; desenvolver proposta projetual.

Visando uma melhor leitura este artigo foi dividido em quatro capítulos, iniciando pela introdução, passando pelo marco teórico, metodologia, o segundo, aproximações teóricas nos fundamentos arquitetônicos e embasamento teórico o terceiro correlatos e referências e o quarto aplicação no tema delimitado.

1.1 ASSUNTO

Requalificação Paisagística.

1.2 TEMA

O trabalho está inserido na linha de pesquisa “PARQ: Projetos de Arquitetura no Contexto Urbano”, onde o mesmo aborda uma proposta projetual para requalificação paisagística do balneário artificial, localizado na cidade de Quedas de Iguaçu –PR.

1.3 JUSTIFICATIVAS

Apesar de ser mais conhecido popularmente pelos moradores como prainha, também justifica que o balneário citado anteriormente, no momento está desativado por danos que sofreu ao longo do tempo em sua estrutura e precisa de uma requalificação.

Dessa forma, considera-se que este trabalho se justifica, uma vez que visa entender o desenvolvimento de uma proposta projetual paisagística para o Balneário.

1.3.1 Sócio-Cultural

Busca compreender como as práticas de intervenção urbana podem contribuir para a pesquisa da futura requalificação do balneário artificial.

1.3.2 Acadêmico-Científica

Proporcionar fomento de pesquisa para futuros acadêmicos. A partir das indagações será possível fundamentar a busca sobre requalificação para o projeto e desenvolve-lo pondo em pratica os conhecimentos adquiridos no meio acadêmico.

1.3.3 Profissional

A pesquisa tenciona contribuir com conhecimento em intervenções urbanas na área de Arquitetura e Urbanismo, possibilitando aos profissionais, material teórico e técnico para futuras obras.

1.4 PROBLEMA DE PESQUISA

No que se refere à Intervenção Urbana qual a contribuição que o projeto de requalificação paisagística vai proporcionar para a cidade de Quedas do Iguaçu- PR?

1.5 HIPÓTESES

Com a proposta da requalificação no balneário, o local que está desabilitado passa a se tornar um lugar viável e agradável que proporciona momentos de lazer ao ar livre, a prática de atividades como: vôlei na areia, caminhadas, natação, admirar o entorno, elementos da paisagem e áreas de camping.

1.6 OBJETIVOS

Os objetivos, tanto os gerais como os específicos, se desempenharão como metas a serem finalizados no desfecho deste trabalho. Sendo que:

1.6.1 Objetivo Geral

Elaboração do projeto de requalificação paisagística do balneário artificial na cidade de Quedas do Iguaçu- PR

1.6.2 Objetivos Específicos

- 1.Elaborar referencial teórico;
- 2.Analisar Obras correlatas;
3. Realizar o levantamento fotográfico e topográfico do local;
4. Elaborar um programa de necessidades;
5. Desenvolver proposta projetual.

1.7 MARCO TEÓRICO

Acredita-se que o balneário localizado na cidade de Quedas do Iguaçu-PR, possui potencial para se tornar um ponto turístico da cidade e até mesmo de regiões vizinhas. Porém sua arquitetura deixa a desejar nos aspectos de uso e nos elementos paisagísticos de seu entorno, que possam atrair o interesse da população. O mesmo era mantido pela prefeitura, porém em junho de 2013 a área foi interditada, pois ocorreram fortes chuvas na região que acabaram prejudicando sua estrutura. Desde então o terreno onde ela está

localizada se encontra abandonado, e a cidade não dispõe de nenhum outro espaço público de lazer para os moradores.

Cada cidade tem sua história, seus pontos de referência àquelas que pertencem à memória da cidade e que são pontos fundamentais da identidade porém como não é possível recuperar estas áreas têm que encontrar novos usos que tragam vida a espaços que estão sem utilidade fazendo deles algo aproveitável para a sociedade (LERNER,2011). Maleque e Miria (2004) acrescentam, o interesse de muitas pessoas é a tecnologia, pois com o passar do tempo, a internet e o celular acabaram tomando conta da vida de muitos que antes se preocupavam com o lazer, portanto o espaço proposto é destinado para essa finalidade.

De acordo com Waterman (2010) um lugar agradável é aquele em que nos sentimos confortáveis. Ainda segundo o autor os arquitetos paisagistas não projetam espaços que sejam simplesmente belos e fotogênicos, eles organizam paisagens que foram criadas para serem vivenciadas e aproveitadas pelos seus frequentadores. Cullen e Gordon (1973) completam, dizendo que entre os diversos elementos naturais que compõem a paisagem urbana, a árvore é sem dúvida o mais frequente e faz toda a diferença na paisagem, pois as pessoas gostam de sair da rotina da cidade e ir descansar em lugares onde a paisagem está entrelaçada com a natureza.

Benedito Abudd (2006) confirma o mesmo momento em que a arquitetura, a pintura, a escultura e as demais artes plásticas fazem uso exclusivamente da visão, o paisagismo envolve também o olfato, a audição, o paladar e o tato, o que possibilita uma rica experiência sensorial, ao agregar as mais variadas e completas experiências perceptivas.

1.8 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A metodologia deste trabalho tem como base a revisão bibliográfica. Para Lakatos e Marconi (2006) a revisão bibliográfica engloba toda bibliografia que já foi publicada com ligação ao conteúdo a ser estudado, a partir de publicações independentes, revistas, livros, artigos e sites. Com tal característica os correlatos e referências foram estudados a fim de idealizar um conceito projetual e paisagístico do Balneário artificial na cidade de Quedas do Iguaçu-pr.

A pesquisa bibliográfica é fundamental nas pesquisas acadêmicas, na definição do tema de um trabalho ou pesquisa, na elaboração do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões (ANDRADE, M.M, 2003).

Na primeira etapa foi realizada uma pesquisa bibliográfica, tendo como principal tema requalificação paisagística, inserida no contexto de intervenção urbana. Foi feito levantamento de dados na prefeitura referente ao terreno, e elaboradas pesquisas correlatas, além de levantamento topográfico e fotográfico no local, para futura proposta projetual.

2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS

Ao se propor a requalificação, alguns fatores devem ser observados, o contexto urbano no qual será inserido, entendendo que ele não influencia somente na paisagem local, mais também na qualidade de vida das pessoas.

O objetivo deste capítulo é fazer um resgate de conceitos fornecendo suporte para a continuação deste trabalho que tem como assunto principal requalificação paisagística.

2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

O presente capítulo contempla a base teórica da pesquisa analisando o contexto histórico da urbanização, desdobrando-se nos estudos da arquitetura moderna.

2.1.1 Arquitetura no Contexto Urbano

A forma arquitetônica aparece de um aglomerado de ideias que o arquiteto compreende a respeito da arquitetura em si, do seu vínculo com o meio, da importância de sua história e de suas estratégias (COLIN, 2000).

De acordo com Benevolo (2010) arquitetura para muitos é considerada uma arte, para qual trabalhamos, e ela é um componente do qual todos nós fazemos uso e podemos integrar, que favorece a todos.

Colin afirma:

“Considera-se tradicionalmente a arquitetura como uma das belas-artes, juntamente com a escultura, a pintura, a música e o teatro. Este critério exclui grande número de edifícios ao nosso redor. Para ser considerado arte, além do atendimento aos requisitos técnicos, como a solidez estrutural e a qualidade dos materiais, e das demandas utilitárias, como a adequação dos espaços aos usos, deve o edifício tocar a nossa sensibilidade, nos incitar à contemplação, nos

convidar à observação de suas formas, à textura das paredes, ao arranjo das janelas, ao jogo de luz e sombras às cores, à sua leveza ou solidez. É preciso que todos esses elementos estejam submetidos a um princípio que lhes dê unidade, e este princípio seja claramente perceptível. Assim, pela observação, podemos descobrir uma intenção de fazer algo destinado a nos emocionar, como uma bela melodia nos emociona, ou uma bela pintura. Somente assim poderemos considerar um edifício uma obra de arte. ” (COLIN, 2000, p.25)

Segundo Zevi (2000) a arquitetura é um item que forma a cidade e ela está em todos os lugares, nas ruas, praças, parques e nos becos, nos estádios e jardins, onde quer que a obra do homem tenha demarcado “vazios”, ou seja, tenha formado espaços fechados [...]. Ainda segundo o autor tudo o que é visualmente limitado, quer sejam muros, fileiras de árvores ou cenários, é definido pelos mesmos elementos que diferenciam o espaço arquitetônico.

Para Netto (1999. p. 111) “a produção de um espaço particularmente na arquitetura “pública” e em urbanística não é exclusivamente ordenar formas, organizar elementos em uma representação desse espaço para executá-la numa prática efetiva”.

2.1.2 Arquitetura Moderna

Uma perfeita história da arquitetura é a história dos inúmeros coeficientes que informam a atividade edificatória através do século e englobam quase toda a gama, de interesses humanos. A arquitetura representa exigências da natureza tão diferentes que descrever adequadamente o seu desenvolvimento significa entender a própria história da civilização e dos numerosos fatores que a compõem e com a predominância ora de um ora de outro, mas sempre com a presença de todos, geraram as diferentes concepções espaciais (ZEVI, 1996).

A história da arquitetura moderna tem necessariamente por essência o presente, e a referência fundamental para todo nosso discurso é a arquitetura de hoje, que nos amarra, desde o momento de partida, com uma escolha eficaz, antes de tornar-se objeto de indagação histórica (BENEVOLO, 2010).

A arquitetura moderna e alguns de seus arquitetos renomados, Frank Lloyd Wright, é muito lembrado, a sua casa mais famosa é a casa da cascata (1936-1939), que une arquitetura moderna e natureza de maneira poética e concludente, a casa compreende vários blocos de concreto projetando-se sobre um núcleo de alvenarias situado acima de uma queda d'água. Ainda segundo o autor, o efeito geral é do homem vivendo em harmonia com a natureza (GLANCEY, 2001).

Ainda neste contexto, o sempre lembrado por suas obras com curvas sinuosas, Oscar Niemeyer trouxe para o movimento modernista um grau de sensualidade sem precedentes, ofereceu a arquitetura moderna uma força escultural, onde se caracterizou por utilizar as curvas da mulher amada e na forma das montanhas, rios e ondas do mar. “Suas principais obras: Iate clube, Pampulha, Belo Horizonte 1943-1944, Capela são Francisco de Assis 1943-1946, Edifícios do governo, Praça dos três poderes, Brasília 1958-1960, Catedral de Brasília 1959-1970, Museu da arte contemporânea em Niterói 1997” (GLANCEY, 2001).

“O Brasil só conseguiu ocupar lugar de destaque no cenário da arquitetura contemporânea devido ao grande sucesso de Oscar Niemeyer e suas obras. Sua originalidade acabou sendo o símbolo da arquitetura moderna brasileira” (BRUAND, 2005).

“A arquitetura moderna é a busca de um novo modelo de cidade, alternativo ou tradicional, e começa quando os artistas e os técnicos se tornam aptos a propor um novo método de trabalho, liberado das anteriores divisões institucionais” (BENELOVO, 2003, p.615).

2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS

Neste tópico serão aprofundadas pesquisas sobre projetos paisagísticos e jardins públicos, analisando a sua importância no meio urbano, também mostrará como um projeto paisagístico contribui para valorizar o espaço e torná-lo mais agradável e harmonioso.

2.2.1 Projetos Paisagísticos

A concepção do projeto requer a tomada de inúmeras decisões, as quais são chamadas de decisões de projeto, e começam a ser tomadas desde a primeira etapa do planejamento arquitetônico, com as decisões conceituais do tema (NEVES, 2012).

De acordo com Queiroz (2013), a paisagem é um componente a ser construído, é a elaboração de projetos de áreas verdes, englobando tudo que interfere na paisagem tanto quanto os edifícios e o ambiente urbano, como áreas livres de circulação, lazer, recreação, preservação ambiental, entre outros. Ainda segundo o autor as grandes cidades são dependentes do paisagismo, as áreas verdes urbanas são um ajuste para o equilíbrio ecológico, o homem começa a perceber a qualidade de vida proporcionada pelo paisagismo que é um planejamento das melhores formas de se encaixar a plantas de diversos tipos, cada qual com suas particularidades, em um ambiente, natural ou não, proporcionando

leveza, beleza, recursos naturais e qualidade de vida ao ser, o mesmo possui um vigoroso poder ecológico, biológico, sustentável e social no mundo.

Nas últimas décadas, o paisagismo deixou de ser atividade periférica do ramo crucial da arquitetura. O novo paisagismo, longe de ser unitário, está presente para afirmar o seu lugar junto à estrutura do desenho e de seu pensamento (FRANCO, 2000).

De acordo com Macedo (2012) paisagem urbana quer dizer paisagem das cidades e equivale a porção do território ocupada propriamente pelas instalações urbanas e toda paisagem é organizada por um conjunto de elementos formais, como suporte físico, construções e vegetação.

Se na arquitetura já se pronunciou que a forma segue a função, em paisagismo pode-se dizer que a função é projetar boa forma. A estética é a primeira função do paisagismo e é por meio dela que se consegue atingir e emocionar o espectador. Mas o paisagismo possui outras funções também importantes (ABBUD, 2006).

Franco (2000) acrescenta, Burle Marx como grande colaborador no paisagismo e criador de padrões de desenho que edificam os padrões naturais sem imita-las, como fazia o jardim inglês, vale apenas citar dois de seus mais famosos trabalhos de escala urbana, que são o da calçada de Copacabana e do Aterro do Flamengo, ambos da década de 1950.

“Além de Burle Marx somente uns poucos nomes tem a chance de desenvolver projetos de qualidade durante um longo período que vai dos anos 1910 até a década de 1950” (MACEDO, 2012, p.22).

O projeto de paisagismo deve fazer uso do jogo de mostrar certos elementos, fazendo com que os percursos sejam marcados por prazerosas descobertas. A modelagem espacial variada, por meio dos elementos vegetais e construída, é a base de um bom projeto paisagístico. É por esse percurso que teremos sensações diferenciadas, incluindo a sensação de beleza (ABBUD, 2006).

Espécies vegetais com folhagem, formas ou porte marcantes podem se tornar esculturas, desde que colocadas isoladamente, deixando vazios ao seu redor para sua completa visualização. Ainda segundo o autor não há projeto de paisagismo sem a definição de lugares. Lugar é todo aquele espaço agradável que convida ao encontro das pessoas ou ao nosso próprio encontro. Ele estimula a permanecer e praticar alguma atividade, como descansar, meditar ler, conversar em grupo, ou simplesmente e admirar o entorno e os elementos da paisagem (ABBUD, 2006).

“É na paisagem que todas as forças inter-relacionadas de nossa existência entram em

ação”. Assim, é essencial que tenhamos a habilidade de chegar a um projeto e a uma estratégia inspiradora que reconheça o caráter único dos locais individuais e, ao mesmo tempo, entendam tais lugares como pertencentes a sistemas maiores (WATERMAN, 2010, p. 15).

“Jardins públicos são aqueles que a manutenção está a cargo dos poderes públicos e são destinados ao uso do povo, como as praças e os parques.” (FILHO, 2001, p.67).

Waterman (2010) conclui o cenário não é menos importante na paisagem ela determina o contexto para tudo que é construído e para as atividades do nosso dia a dia, qualquer coisa que é construída na paisagem precisa levar em reflexão seu entorno e sua inserção no meio, para que possa ser bem-sucedida e sustentável, e isso é essencial para a prática da arquitetura paisagística.

2.2.2 Jardins Públicos

Nos jardins atuais, tem-se a difícil tarefa de resgate da natureza, sobretudo nas áreas urbanas, onde residem cerca de dois terços da população mundial. Neste sentido, há necessidade de se criar paisagens, onde se possa respirar entrar em contato com a natureza, ter a oportunidade de poder meditar, contemplar uma flor ou uma forma de planta em lugar sossegado, proporcionar à população o prazer de desfrutar despreocupadamente o esporte e o lazer ao ar livre. Isso significa criar jardins com uma expressão própria como obra de arte, mas que, simultaneamente, satisfaçam todas necessidades de contato com a natureza, das quais prescindem aquelas que pertencem a uma civilização tecnológica (FILHO, 2002)

Nas cidades brasileiras, a vegetação poderia ser bem mais empregue para corrigir e melhorar as proporções e escalas – frequentemente desumanas – dos espaços urbanos, em geral formados por massas de construções descontínuas, enorme quantidade de postes, muros, semáforos, fiações, outdoors e tanta poluição visual, proporcionando um pouco mais de paisagem natural as pessoas que ocupam aquele espaço (ABBUD, 2006).

De acordo com Filho (2002) ao fazer jardins, tem-se um compromisso com a educação do cidadão. Portanto, a missão social do paisagista tem esse lado pedagógico de fazer comunicar às pessoas o sentimento de apreço e compreensão dos valores da natureza através do contato com as paisagens construídas.

Abbud (2006, p.15) finda: “quanto mais um jardim consegue aguçar todos os sentidos, melhor cumpre com seu papel”.

2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO

Este tema discorrerá sobre como o ambiente urbano é mutável e como a vegetação urbana trás mudanças positivas para as cidades.

2.3.1 Ambiente Urbano

Na década de 60 via surgir as primeiras críticas e protestos generalizados sobre a qualidade do ambiente urbano que vinha sendo produzido, tanto pelo poder público quanto pela iniciativa privada. Criticava-se tanto o impacto dos empreendimentos sobre o meio ambiente e a vida das comunidades, quanto a própria qualidade dos espaços urbanos e da arquitetura. Essas críticas surgiram, principalmente, da população afetada, além de pesquisadores e acadêmicos de ponta e da imprensa em geral (RIO, 1990).

Nos anos 80/90, as principais condicionantes sociais para a configuração da paisagem urbana são basicamente a expansão urbana e o adensamento da mancha preexistente, em razão de um aumento de população. Essa expressão ocorre de dois modos: de um lado, os bairros das elites, arborizados e dotados de infra-estrutura, com grandes casas imersas em jardins; de outro, o casario composto por construções mais modestas, térreas ou assobradadas, em ruas nem sempre arborizadas, geralmente com ocupação máxima do lote. Já o adensamento ocorre pelo aumento da verticalização preexistente e/ou pelo surgimento de novas áreas verticalizadas, em áreas em geral ocupadas por antigos bairros de elite ou classe média (LANDIM, 2004).

De acordo com a Carta de Atenas, a cidade apresenta quatro funções fundamentais, pelas quais o urbanismo deve zelar são: “habitar; trabalhar; circular e cultivar o corpo e o espírito, sendo seus objetivos: a ocupação do solo, a organização da circulação e a legislação”. [...] Ainda segundo o autor, o urbanismo é uma ciência de três dimensões e não apenas de duas, propondo uma intervenção no elemento altura de forma a dar uma solução para as circulações modernas, assim como para o cultivo do corpo e do espírito, por meio da exploração dos espaços livres assim criados, a Carta de Atenas sintetiza o conteúdo do Urbanismo Racionalista, também chamado de Urbanismo Funcionalista, o qual supunha a obrigatoriedade do planejamento regional e intra urbano, a submissão da propriedade privada do solo urbano aos interesses coletivos, a industrialização dos componentes e a

padronização das construções, a edificação concentrada, porém adequadamente relacionada com amplas áreas de vegetação e ainda admite ainda o uso intensivo da técnica moderna na organização das cidades, o zoneamento funcional, a separação da circulação de veículos e pedestres, a eliminação da rua corredor e uma estética geometrizam-te (ABIKO, *et al*, 1995).

Uma cidade é uma organização mutável e polivalente, um espaço com muitas funções, erguido por muitas mãos num período de tempo relativamente rápido. A especialização completa e o entrelaçamento definitivo são improváveis e indesejáveis. A forma deve ser de algum modo descompromissada e adaptável aos objetivos e às percepções de seus cidadãos (LYNCH, 1999).

Brasília, projetada de Lúcio Costa, é o resultado final de um urbanismo que tem como origem a Carta de Atenas: “zonas urbanas bem definidas e separadas (edifícios públicos, setor residencial, hoteleiro, comercial, bancário), grandes espaços entre as edificações, circulação bem definida e eficiente” (ABIKO, *et al*, 1995).

Outro elemento importante que passou a ser empregado nos grandes centros urbanos são as plantas que segundo Carvalho (2001) influenciam o clima e meio urbano em geral, atuando no controle da incidência solar, da temperatura e na umidade do ar, dos ventos, das chuvas e exercendo um efeito moderador da poluição.

2.3.2 Vegetação Urbana

Vegetação urbana é aquela que permite que o espaço construído se integre com o jardim e o parque, principalmente nas regiões de climas tropicais e subtropicais úmidos, para constituir a paisagem da cidade. A paisagem como forma de território, a qual a ação do homem e de sua cultura lhe acrescentam seu caráter (MASCARÓ, 2005).

Burle Marx considera o jardim como uma obra de arte, uma arte que atende as necessidades humanas. Houve jardins idealizados para as pessoas desfrutarem sós, para neles se reunirem, outros para impressionar os amigos, jardins para se viver e jardins para se morrer, e embora não devamos perder de vista essas funções iniciais, não podemos obedecer-lhes cegamente, pois uma coisa que apenas proclama e cumpre determinada finalidade jamais poderá ser obra de arte (MARX, 2004).

As árvores e a vegetação em geral podem ajudar a reduzir a contaminação do ruído de cinco maneiras diferentes: pela absorção do som (elimina-se o som), pela reflexão (o

som refletido volta a sua fonte de origem), pela refração as ondas sonoras mudam de direção ao redor de um objeto, por ocultamento (cobre-se o som indesejado com outro mais agradável). Dessa maneira plantas amenizam o ruído. As barreiras vegetais desviarão o som para longe dos ouvintes e refletirão o ruído para sua fonte uma vez que encontre os ângulos adequados em relação à sua origem (MASCARÓ, 2005).

Com as mudanças climáticas, a procura de uma eficiência energética maior e de novas formas de circulação, moradia e lazer nas cidades, a arquitetura paisagística contribui muito no planejamento e projeto dos espaços públicos e privados, proporcionando conforto ambiental, alternativas de circulação, a implantação de florestas urbanas. O Brasil está aumentando a valorização dos profissionais capacitados para desenvolver essas atividades (FARAH, I *et al*, 2010).

A vegetação deve ser utilizada para proporcionar sombreamento quando este for necessário, atenuando assim os efeitos da radiação solar. A vegetação em relação a radiação atua como um filtro das radiações absorvidas pelo solo e pelas superfícies construídas, refrescando os ambientes próximos (ROMERO, 2000).

Os espaços abertos naturais ou tratados paisagisticamente, foram vistos por muito tempo como um luxo ou extravagância opcional, porem hoje são reconhecidos por proporcionar identidade cultural as cidades, lazer e bem-estar a milhões de pessoas, tornou-se a base das indústrias do turismo e da diversão, reabilitar setores urbanos inteiros, ajudam a impedir as mudanças climáticas, são extremamente importantes por armazenar carbono, absorver o excesso de agua, escoar com segurança as aguas das chuvas amenizar o clima urbano (FARAH, *et al*, 2010).

A qualidade ambiental nas cidades não só interfere na vida e atividades de seus habitantes, pois ao considerar que os impactos ambientais mudam e influenciam o meio ambiente em uma escala local, e que as cidades inseridas em um contexto regional, estadual e nacional, pode-se dizer que a os problemas existentes, relacionados com o meio ambiente, resultam da soma de vários impactos locais em diferentes segmentos, tanto nas cidades quanto Áreas rurais. A cidade também pode ser considerada, em uma dimensão geográfica, a Expressão material das dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais que no âmbito de uma formação social. As suas necessidades podem ser definidas como todos os materiais, serviços e instalações indispensáveis para ajudar seus habitantes em casa, no trabalho Recreação e como resultado da organização da sociedade, que transforma o espaço natural para adaptar as necessidades dos seus habitantes; no entanto, a sua

interpretação não pode ser separada dos processos da natureza (LIMA, V, 2013).

Outro fator que ganhou espaço foi a requalificação urbana, é um processo de intervenção que ocorre em áreas urbanas, e que pretende manter os elementos simbólicos (históricos e eventos culturais) [...] tornando-o mais atraente, sem descaracteriza-lo e atualmente, a regeneração urbana é considerada como um eixo prioritário nas Intervenções urbanas, permitindo uma operacionalização no tecido físico e social, ou seja, permite criar uma nova estética de acordo com o desenho Cidade. Ainda segundo o autor, requalificação também permite uma revitalização das áreas mais antigas das cidades, que correspondem a centros históricos, e que estão em decadência, abandono e degradação (SILVA, 2011).

Portanto uma requalificação faz toda diferença no meio urbano, ainda mais quando envolve as necessidades da população e proporciona uma boa qualidade ambiental.

2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

A estrutura urbana é um conjunto de edificações, vias e praças que se inter-relacionam, ruas chegando em ruas ou em praças, para que as pessoas possam circular e realizar atividades físicas e intelectuais. No caso das edificações, a estrutura é também um conjunto de elementos-lajes, vigas e pilares – para desempenhar uma função: criar um espaço em que pessoas exercerão diversas atividades. Estrutura, portanto, é conceito que não se associa apenas a edificações. Está em tudo o que nos rodeia, nas plantas, no ar e nas pessoas, nos objetos e nas ideias (REBELLO, 2003).

Ainda segundo Rebello (2003) Procura-se mostrar que a concepção estrutural não é algo aleatório ou apenas produto da vontade de cada um, mas que depende, sim, de fatores externos como estética, custos, possibilidades construtivas, materiais e tantas outras variáveis; que saber coordenar essas variáveis, achando uma maneira adequada de harmonizá-las, é o que conduz a soluções estruturais criativas e bem embasadas; que a solução original não provém de uma iluminação mágica, mas do profundo conhecimento do existente e de muitas tentativas.

A tecnologia pode contribuir tanto para o desenvolvimento como para a estagnação e desintegração de uma sociedade, à medida que uma determinada modalidade ou estrutura tecnológica se desenvolve nessa sociedade, em harmonia ou oposição a sua natureza e seus objetivos, admitiremos também que a discussão sobre a tecnologia mais apropriada para a construção de residências e cidades na América Latina, e que vá ao encontro das

expectativas mais sadias de evolução para nossas próprias sociedades, requer uma pequena referência a sua história e a sua estrutura, e a formulação de hipóteses sobre essas expectativas de evolução (MASCARÓ, 1990).

O material mais utilizado no Brasil e no mundo é o concreto, pela sua versatilidade, economia e durabilidade.

Existem diversos tipos de cimentos: Cimento Portland comum, para construção em geral; cimento Portland de alta resistência inicial [...] cimento Portland de alto-forno (cimento de escória, metalúrgico ou siderúrgico) [...] cimento branco para emprego não estrutural. É um cimento Portland comum isento de óxido de ferro. Usado no rejuntamento de azulejos, pastilhas e fins decorativos; cimento colante: é usado para colagem de azulejos, pastilhas, pisos cerâmicos e pedras naturais. A vantagem deste cimento colante é a fixação rápida e perfeita dos materiais (RIPPER, 1995).

Os aditivos têm a finalidade de reforçar características do concreto, possibilitando melhor aproveitamento do mesmo. Sua adição no concreto permite aumento de capacidade, acréscimo de resistência aos esforços mecânicos, melhora da trabalhabilidade, diminuição da higroscopicidade, melhora na impermeabilidade, diminuição da retração, aumento da durabilidade, melhora do endurecimento nas concretagens em tempos frios, aptidão para ser injetada, possibilidade de retirada dos cimbres e formas em curto prazo, preparo de concretos leves, diminuição do calor de hidratação e retardamento ou aceleração da pega. O concreto deve ser lançado logo após a mistura, não sendo permitido, entre o amassamento e o lançamento, intervalo superior à uma hora. Não se admite o uso de concreto remisturado (PETRUCCI, 1998).

Para executar uma construção sólida e economicamente viável, todo o pessoal no canteiro de obra – do engenheiro ao servente – deve saber aproveitar racional e economicamente os materiais e executar os serviços conforme as regras certas de construir e as instruções e recomendações das firmas fornecedoras de materiais especiais de artefatos e de serviços (RIPPER, 1995).

2.5 EMBASAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo serão abordadas as fundamentações teóricas sobre paisagismo, lazer, áreas degradadas e áreas regeneradas. Nele será possível compreender a importância da arquitetura paisagística e da recuperação de áreas degradadas.

2.5.1 Arquitetura Paisagística

“A arquitetura paisagística limita e subdivide os espaços. Mas esse trabalho não surge do nada, pois há sempre um espaço físico preexistente sobre o terreno que sofrerá intervenção e se estende pela paisagem do entorno.” (ABBUD, 2006, p.19).

A paisagem da cidade é formada por praças parques e jardins, o termo jardim originou-se a partir do hebraico “gan-eden” que significa lugar protegido, onde se desfrutava de prazer, satisfação e encanto. Para os cristãos “eden” é expressão de paraíso, ou seja, um jardim que foi criado por Deus (FILHO, 2001). O autor ainda afirma:

“Trabalhar com elementos vivos e inertes para se compor uma paisagem não é tarefa fácil. E não se trata de compor arranjos para imitar a natureza. É necessário ressaltar que não existe arte em uma simples imitação da natureza. Desta, tiram-se lições de como os elementos se interagem e fazem associações perfeitas. Entretanto, é humanamente impossível brincar de ser o Criador. Paisagens construídas pelo homem sempre terão a sua marca, o seu toque especial, a sua inspiração. Mesmo que haja tendência para o estilo naturista ou paisagista (informal), o mesmo requer composições que, em algum momento, se distanciarão da mera cópia da natureza. E é nesse aspecto que se encontra o diferencial entre uma paisagem natural e uma, paisagem-arte (jardim)”. (FILHO, 2002, p.12)

O projeto de paisagismo deve fazer uso do jogo de mostrar certos elementos, fazendo com que os percursos sejam marcados por prazerosas descobertas, a modelagem espacial variada, por meio dos elementos vegetais e construídos, é a base de um bom projeto paisagístico. De acordo com Abbud é por esse percurso que teremos sensações diferenciadas, incluindo a sensação de beleza. Espécies vegetais com folhagem, formas ou porte marcantes podem se tornar esculturas, desde que colocadas isoladamente, deixando vazios ao seu redor para sua completa visualização. Ainda segundo o autor não há projeto de paisagismo sem a definição de lugares. Lugar é todo aquele espaço agradável que convida ao encontro das pessoas ou ao nosso próprio encontro. Ele estimula a permanecer e praticar alguma atividade, como descansar, meditar ler, conversar em grupo, ou simplesmente e admirar o entorno e os elementos da paisagem (ABBUD, 2006).

Waterman (2010) conclui que o cenário não é menos importante na paisagem ela determina o contexto para tudo que é construído e para as atividades do nosso dia a dia, qualquer coisa que é construída na paisagem precisa levar em reflexão seu entorno e sua inserção no meio, para que possa ser bem-sucedida e sustentável, e isso é essencial para a

prática da arquitetura paisagística.

2.5.2 Áreas Verdes

De acordo com Costa (2010) um atributo importante no desenvolvimento das cidades, muitas vezes negligenciado, é o cuidado com as áreas verdes. Como a transformação da paisagem continua em ritmo acelerado, cada vez mais se perdem importantes espaços naturais ou os ainda restantes tornam-se verdadeiras ilhas nas “cidades-sem-fim”. Ainda segundo o autor muitos dos atuais programas de desenvolvimento buscam a melhoria da qualidade de vida no meio urbano significando, necessariamente, a melhoria do meio ambiente e do equilíbrio ambiental. Áreas verdes são elementos cruciais para alcançar estes objetivos. Elas são os elementos naturais dentro do ambiente extremamente artificial em que as nossas cidades se transformaram.

As árvores e a vegetação em geral podem ajudar a reduzir a contaminação do ruído de cinco maneiras diferentes: pela absorção do som (elimina-se o som), pela reflexão (o som refletido volta a sua fonte de origem), pela refração (as ondas sonoras mudam de direção ao redor de um objeto, por ocultamento cobre-se o som indesejado com outro mais agradável). Dessa maneira plantas amenizam o ruído. As barreiras vegetais desviarão o som para longe dos ouvintes e refletirão o ruído para sua fonte uma vez que encontre os ângulos adequados em relação à sua origem (MASCARÓ, *et al*, 2005).

Áreas verdes são muito importantes para o bem-estar e as condições de saúde da população, por promoverem a biodiversidade, constituírem importante parte da paisagem urbana, por trazerem benefícios econômicos significativos e formam espaços estruturais e funcionais fundamentais para transformar as nossas cidades em áreas mais agradáveis de viver. Áreas verdes podem assim assumir um papel fundamental nos esforços para melhorar a qualidade de vida e no desenvolvimento sustentável (COSTA, 2010).

A vegetação deve ser utilizada para proporcionar sombreamento quando este for necessário, diminuindo assim os efeitos da radiação solar. A vegetação em relação a radiação atua como um filtro das radiações absorvidas pelo solo e pelas superfícies construídas, refrescando os ambientes próximos (ROMERO, 2000).

Costa (2010) diz que na maioria das cidades existem, de alguma forma, instrumentos de planejamento que influenciam a quantidade e a qualidade dos espaços verdes, por exemplo, planos diretores. Ainda segundo Costa, muitos casos faltam, entretanto,

concepções e visões abrangentes e estratégias apropriadas, que venham a combinar o desenvolvimento e a gestão desses espaços com as políticas mais globais para o desenvolvimento urbano. Frequentes déficits em quantidade ou qualidade em toda a Europa e o baixo valor a eles atribuído exigem estratégias apropriadas para o desenvolvimento e melhoria do sistema verde urbano, assim assegurar o desenvolvimento das áreas verdes, mesmo na era do desenvolvimento sustentável, é ainda um árduo trabalho, exigindo muitas vezes um dedicado engajamento pessoal (COSTA, 2010).

Para Filho (2002,) a ornamentação com equipamentos adequados torna os jardins mais criativos e aconchegantes, valorizando a paisagem. “Alguns elementos constituem-se em infraestrutura para se fazer o lazer passivo ou ativo, edificações, quadras de esportes, piscinas, vias de acesso, pisos, mobiliário, luminárias, divisórias, pérgulas, quiosques, etc.” (FILHO, 2002, p.76).

Há os elementos de urbanização e limitação, elementos de descanso, iluminação, jardinagem e água, comunicação, serviço público, comerciais e limpeza, e dá outra parte existem os elementos decorativos, com mobiliário de serviço, de lazer, comercialização, sinalização e mobiliário para uso exclusivo da publicidade (GUEDES, 2005).

“E outros entram na composição, geralmente, com fins estéticos como as obras de arte.” No entanto, todo e qualquer elemento que faz parte de uma composição paisagística deve ser apreciado não só pelos seus efeitos visuais, mas também pela sua funcionalidade individual ou coletiva. Além dos benefícios diretos ou funcionais, os elementos arquitetônicos podem definir o estilo da composição a ser seguido e transmitir sensações tanto ilusórias como reais. Ainda segundo o autor esses elementos devem ser planejados de maneira que não choquem com os elementos naturais devem ser cuidadosamente estudados, levando em consideração, principalmente, a sua frequência, suas linhas e formas predominantes e de que materiais são feitos (FILHO, 2002, p.76).

2.5.3 Áreas Degradadas

A degradação refere-se a qualquer estado de mutação de um ambiente e a qualquer tipo de ambiente. O ambiente construído degrada-se, assim como os espaços naturais. Tanto o patrimônio natural como o cultural podem ser degradados, descaracterizados e até destruídos (SANCHÉZ, 2006)

O conceito de degradação tem sido geralmente associado aos efeitos ambientais

considerados negativos ou adversos e que decorrem, principalmente, de atividades ou intervenções humanas. Raramente o termo se aplica às alterações decorrentes de fenômenos ou processos naturais. O conceito tem variado segundo a atividade em que esses efeitos são gerados, bem como em função do campo do conhecimento humano em que são identificados e avaliados (BITAR, 2005).

A qualidade ambiental nas cidades não só interfere na vida e atividades de seus habitantes, pois ao considerar que os impactos ambientais mudam e influenciam o meio ambiente em uma escala local, e que as cidades inseridas em um contexto regional, estadual e nacional, pode-se dizer que a os problemas existentes, relacionados com o meio ambiente, resultam da soma de vários impactos locais em diferentes segmentos, tanto nas cidades quanto Áreas rurais. A cidade também pode ser considerada, em uma dimensão geográfica, a Expressão material das dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais que no âmbito de uma formação social. As suas necessidades podem ser definidas como todos os materiais, serviços e instalações indispensáveis para ajudar seus habitantes em casa, no trabalho Recreação e como resultado da organização da sociedade, que transforma o espaço natural para adaptar as necessidades dos seus habitantes; no entanto, a sua interpretação não pode ser separada dos processos da natureza (LIMA, V, 2013).

Assim Sánchez (2006) finaliza que a degradação ambiental pode ser conceituada como qualquer alteração adversa dos pocessos, funções ou componentes ambientais, ou como uma alteração adversa da qualidade ambinetal. Em outras palavras, degradação ambiental corresponde a impacto ambiental negativo. “Se o ambiente pode ser degradado de diversas maneiras, a expressão area degradada sintetiza os resultados da degradação do solo, da vegetação e muitas vezes das aguas”(SANCHEZ, 2006 p.27)

2.5.4 Áreas Regeneradas

Para Sanchez (2006) a capacidade de um sistema natural se recuperar de uma perturbação imposta por um agente externo (ação humana ou processo natural) é denominada regeneração. Para o autor, resiliência é diferente de estabilidade, entendia como “a capacidade de um sistema retornar a um estado de equilíbrio depois de uma perturbação temporária” (SANCHEZ, 2006, p. 28).

A recuperação de ecossistemas degradados é uma atividade muito remota, tendo como modelos de sua vivencia na história de diversos povos, épocas e regiões. Porém,

atualmente, ela se titula como uma atividade sem ligações com suas elaborações teóricas, sendo executada normalmente como uma prática de plantio de mudas, com objetivos focados em controlar a erosão, estabilização de taludes e melhoria visual, etc. (RODRIGUES; GANDOLFI, 2004).

Recuperação ambiental é um termo geral que designa a aplicação de técnicas de manejo visando tornar um ambiente degradado apto para um novo uso produtivo, desde que sustentável. Ainda segundo o autor dentre as variantes da recuperação ambiental, a restauração é entendida como o retorno de uma área degradada às condições existentes antes da degradação (SANCHEZ, 2006).

3. CORRELATOS E REFERÊNCIAS

Neste item serão apresentados correlatos (até o item 3.3) e referência (item 3.4) escolhidos a fim de aprimorar as os conhecimentos referentes a paisagismo e requalificação. Os correlatos foram escolhidos com base, em praças e parques apontando os aspectos mais relevantes de cada obra, de forma a contribuir para o conhecimento do tema abordado e a elaboração do projeto. A referência foi escolhida por ser uma forma de inspiração para o tema, pois o seu conceito está totalmente interligado com a proposta da requalificação do Balneário, tanto na parte formal quando no uso de materiais.

3.1 PRAÇA DA LIBERDADE

Localizada em Belo Horizonte, MG a Praça da Liberdade foi construída em 1920 para a visita dos reis da Bélgica, possui um dos mais elaborados traçados clássicos existentes no país. O projeto, desenvolvido por Reinaldo Dierberger, (Figura 1) foi rigorosamente estruturado por marcos visuais e pontos focais, como esculturas, fontes e coretos, dispostos nas intersecções dos caminhos. A praça é muito utilizada pela população, que nela praticam o antigo prazer de passear, fazer caminhadas e aproveitar a natureza (ROBBA; MACEDO, 2002).

Figura 1: Praça da Liberdade



Fonte: www.andaminas.com.br

Palmeiras imperiais cortam o centro da praça, formando uma alameda direcionada para o portão principal da entrada do palácio, o tratamento paisagístico original seguiu a feição dos jardins ingleses, mais livres na distribuição da vegetação, a cargo do arquiteto-paisagista Paul Villon. Uma reforma realizada em 1920, para a visita dos reis belgas a Belo Horizonte, eliminou todos os vestígios daquele estilo, que, no entanto, subsistiu nos jardins dos fundos do Palácio da Liberdade (ROBBA; MACEDO, 2002).

3.2 ATERRO DO FLAMENGO

A iniciativa de criar um parque na área do Aterro do Flamengo surgiu no governo de Carlos Lacerda quem nomeou, em janeiro de 1961, Maria Carlota de Macedo Soares, para assessoria do Departamento de Parques da Secretaria Geral de Viação e Obras e a Superintendência de Urbanização e Saneamento (SURSAN), mais especificamente para coordenar o projeto do parque (OLIVEIRA, 2006).

Um mês após sua nomeação, ela comunicou ao governador que o Aterro do Flamengo era a última grande área no centro da cidade que possibilitava ao seu governo realizar uma obra que reunisse grande utilidade pública e beleza. Além disso, segundo ela, a área do aterro, necessitava de um cuidado especial no sentido de preservar sua paisagem (FIGURA 2) privilegiada e a brisa marítima. E, também, previa: Um simples corredor para carros poderá se transformar numa imensa área arborizada e acabará se convertendo num símbolo para a cidade (OLIVEIRA, 2006).

Figura 2: Aterro do flamengo



Fonte: www.vitruvius.com.br

Para Lota não se tratava de criar um parque convencional, com fontes, bancos, bustos de celebridades e *playgrounds*. Em sua ideia de Parque estava implícita a tarefa de contribuir para melhoria da qualidade de vida, conter a ofensiva da especulação imobiliária e possibilitar a reconciliação dos cidadãos com sua cidade. (OLIVEIRA, 2006).

No atual conjunto do aterro do flamengo estão alguns dos mais importantes projetos paisagísticos de Burle Marx. Realizados em épocas distintas, manifestam a sua crescente preocupação urbanísticas. No primeiro deles a Praça Salgado filho, em frente ao aeroporto Santos Dumont, Burle Marx opta por reunir vários exemplares vegetais, oferecendo a cariocas e turistas uma pequena coleção de flora nativa (SIQUEIRA, 2004).

O autor complementa no segundo o jardim ao redor do museu de Arte Moderna do Rio, surpreende pelo emprego de linhas retas e canteiros ortogonais, levando alguns críticos a falarem de uma nova fase em sua arte paisagística, mais construtiva. Por fim no Parque brigadeiro Eduardo Gomes (projeto de Affonso Eduardo Reidy, Jorge Machado Moreira, Carlos Werneck de Carvalho, Hélio Mamede), demonstra sua habilidade em lidar com a escala urbana, criando um jardim no qual se articulam as experiências do particular e do todo, dos recantos de repouso e contemplação a vista abrangente que se tem das janelas dos edifícios ou a perspectiva velos através dos automóveis que circulam pelas suas pestas. Em 1999, o Aterro foi restaurado e revitalizado pelo escritório burle Marx e Cia. Ltda (SIQUEIRA, 2004, p.62).

No que se refere ao uso da vegetação mais que a simples execução de um projeto, a obra do Flamengo mostra as conquistas de um grande experimento. Um experimento em cultivo de plantas em adversas condições climáticas (ventos, maresia) e edáficas (solo constituído de aterro, entulho, lama salgada, e com alta salinidade). O Parque do Flamengo também constitui uma importante contribuição para a ampliação do vocabulário de plantas usadas em arborização urbana. Ivete Farah relaciona em torno de 31 novas espécies nativas e exóticas de alta qualidade plástica e ecológica usadas pela primeira vez em paisagismo no país (OLIVEIRA, 2006).

3.3 PRAÇA ARI COELHO

Pela literatura de Robba e Macedo (2003), o projeto de arruamento do Município de Campo Grande, datado de 1899, previa a resguarda de três espaços para a concepção de

praças públicas. Em 1922, uma delas, conhecida como Praça 2 de Novembro, recebeu um projeto ordenado pelo intendente Arlindo de Andrade. Esse projeto correspondia significativamente aos ideais ecléticos, com um traçado em cruz conduzido a um estar central, onde havia um coreto. Ao longo dos anos, a praça mudou de nome e sofreu reformas. A primeira delas em 1950, passando a se chamar Ari Coelho; em 1957, o coreto foi substituído por uma fonte luminosa e nos anos setenta foi implantado um playground. (ROBBA e MACEDO, 2003).

Ainda segundo o autor em 1996 foi totalmente reestruturada pela prefeitura. O novo projeto reorganizou todos os canteiros, utilizando-se de formas orgânicas em contradição ao desenho de aspecto geométrico anterior. A pérgula antiga, a fonte luminosa e os espelhos d'água permaneceram, sendo restaurados. Com a reforma foram implantados sanitários, além de um anfiteatro e posto policial.

Figura 3: Praça Ari Coelho



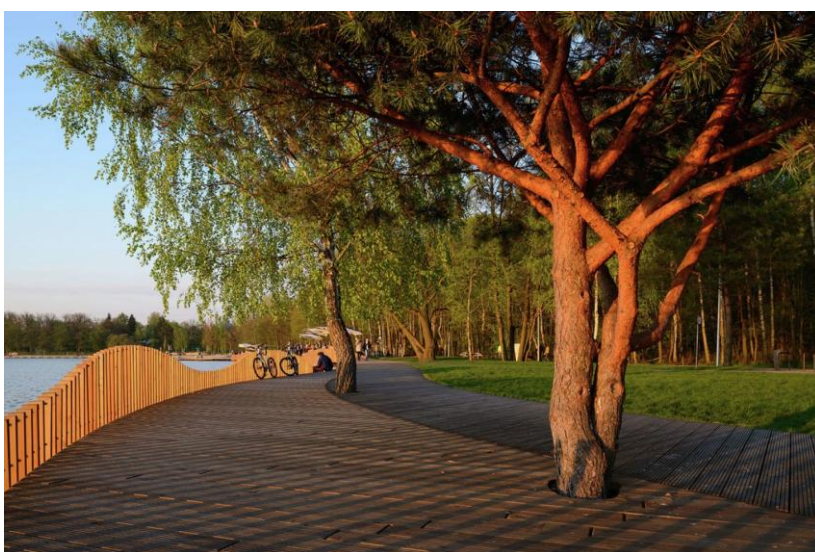
Fonte: Gabrielle de castro, 2013

O projeto emprega artifícios formais (FIGURA 3) de desenho de piso, com o propósito de conservar a memória do desenho eclético da praça e alvitra o resgate de usos tradicionais, no caso, o lazer contemplativo, concomitantemente ao uso de lazer cultural e da circulação de pedestres (ROBBA; MACEDO, 2003). Para Dourado (2009), espaços em formato de círculos, criam um contra ritmo, que isola a unidade arquitetônica para que a mesma defina-se e cresça numa espécie de acentuação ou complementação, acrescentando ainda, o meio ambiente, o clima, a atmosfera, a luz e a natureza.

3.4. REURBANIZAÇÃO DA ORLA DO LAGO PAPROCA

Paprocany lago é o lugar onde os habitantes de Tychy na Polônia, muitas vezes passam o seu tempo livre. Nele foi projetado um centro de recreação com muitas atrações de lazer e esportes. A remodelação da área de lazer no lago Paprocany (FIGURA 4) é outro projeto focado na exposição de valores da paisagem e expansão da oferta recreativa para moradores da cidade (ARCHDAILY, 2016).

Figura 4: Lago Paprocany



Fonte: Tomasz Zakrzewski, 2016

Ainda segundo o autor o conceito é baseado no passeio de madeira situado ao longo do banco que é alternadamente para fora sobre o lago e para trás na terra como mostra na a (FIGURA 5). Isso permite uma percepção diferente do espaço de vários pontos do passeio.

O principal objetivo na seleção de materiais foi enfatizar o caráter natural de uma área usando materiais principalmente naturais. Partes das construções foram cobertas por terra especialmente moldada e plantadas com erva. Para terminar a área do passeio, bancos e grades foram usados. Outras áreas, tais como estacionamentos de bicicletas, lugares sob equipamentos de ginástica foram feitas de superfícies completamente permeáveis à água com base em agregados minerais e grânulos de EPDM. O terreno é iluminado apenas por luzes LED economizando energia. (ARCHDAILY, 2016).

Figura 5: Lago Paprocany



Fonte: Tomasz Zakrzewski, 2016

Um espaço público e novo se tornou o local de encontro. Durante o dia é um lugar para as famílias e à noite (FIGURA 6) é um espaço para contemplação.

Figura 6: Lago Paprocany.



Fonte: Tomasz Zakrzewski, 2016

Diante das obras, pode-se perceber e absorver, diversos fatores pelos quais haveriam uma agregação importante ao projeto proposto. Os correlatos foram escolhidos por trazer o

conceito de integração, e por trabalhar com os sentidos, visão, audição, tato, de lugares que possibilitem momentos de lazer e diversão fora da rotina de cada indivíduo, trazendo exatamente essa ideia de enfatizar o natural desde a parte paisagística até o uso dos materiais, o que dá suporte para a proposta projetual como solução aos eventuais problemas de pesquisa presentes no trabalho.

4. APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO

4.1 O MUNICÍPIO DE QUEDAS DO IGUAÇU

Segundo o portal do município em 1930 a 1932 o estado do Paraná decidiu formar o primeiro núcleo de colonização e povoamento do imenso sertão as margens do Rio Iguaçu, foi realizado um convênio com representantes do Governo Polonês para que a região fosse povoada por imigrantes poloneses.

Ainda de acordo com o portal o município foi durante muito tempo, distrito de Laranjeiras do Sul, do qual foi desmembrado no dia 18 de dezembro de 1967, tornando-se município pela lei 5.668. O município foi oficialmente instalado em 15 de dezembro de 1968, e passou a chamar-se Quedas do Iguaçu. A mudança de nome, Campo Novo para Quedas do Iguaçu, foi em homenagem às quedas de água de Salto Osório, no Rio Iguaçu, desaparecidas com o alagamento da Usina Hidrelétrica de Salto Osório.

4.1.1 Localização do município

O município está localizado, na região centro-oeste (FIGURA 7) do Estado da Paraná. Está distante, aproximadamente, 447km de Curitiba, capital do estado. De Guarapuava está a uma distância de 168km; Laranjeiras do Sul à 60km e de Espigão alto do Iguaçu à 9km. No município podemos utilizar duas rodovias estaduais. PR473 e PR484 (GABRIEL,2015).

Figura 7: Localização da cidade de Quedas do Iguaçu



Fonte: Andrey Gabriel, 2015.

4.2 O BALNEÁRIO EXISTENTE

O balneário localizado no município de Quedas do Iguaçu teve origem depois da construção de uma barragem intitulada barragem de Salto Osório. Ele foi inaugurado no ano de 1995 (FIGURA 8).

Figura 8: Vista aérea do balneário



Fonte: Antonio Monteiro da Silva, 2013

Ele se tornou um ponto turístico da região, pois contava com vários atrativos, que podemos observar nas imagens abaixo, como quadras de esportes (FIGURA 9) áreas para caminhadas, área de camping com mesas e churrasqueiras, playground, área de banho, local para pesca, ainda no local tinham banheiros públicos e lanchonetes (SILVA,2012).

Figura 9: Imagens do Balneário quando esta em funcionamento no ano de 2012



Fonte: Mapio.net

Figura 10: Imagens do Balneário quando esta em funcionamento no ano de 2012



Fonte: Mapio.net

Porém no ano de 2014 com fortes chuvas que ocorreram na região a estrutura do Balneário acabou sendo danificada, e ela foi interditada, a prefeitura já declarou que reabriria o balneário mais até agora o local não foi revitalizado e está abandonado (FIGURA 11).

Foi estabelecida uma proposta de intervenção no local, propondo a ele uma melhoria no seu espaço e também nas áreas verdes pertencentes à paisagem local, que em contraste com água, que é o ponto principal onde os visitantes, principalmente as crianças brincam e se divertem.

Com a proposta de requalificação o espaço que já foi um ponto turístico da cidade, voltará a ser um lugar de lazer e diversão para a população, que nos dias de hoje não possui nenhum espaço público disponível. Neste contexto buscou-se fazer levantamento topográfico e programa de necessidades apropriado para o local.

Figura 11: Imagens do Balneário 2017



Fonte: Autora, 2017

Figura 12: Imagens do Balneário 2017



Fonte: Autora,2017

O elemento que caracteriza o local é a água, juntamente com paisagismo e a natureza deixando o lugar ainda mais atrativo.

Figura 13: Imagens do Balneário 2017



Fonte: Autora,2017

Segundo Waterman (2010), a água é um marcante elemento de projeto. Dessa maneira tal como as plantas, a água dispõe de características que se modificam com o tempo e em diversas condições climáticas e de iluminação. Ela é capaz de realizar uma ampla diversidade de efeitos.

4.3 PROGRAMA DE NECESSIDADES

Com intuito de melhorar a baixa qualidade da infraestrutura atual, se obter melhorias na funcionalidade do espaço, na preservação de áreas verdes, no entretenimento dos munícipes e até aos visitantes da cidade, propõe-se a proposta pela qual, atenderá os fatores em questão.

O programa de necessidade conta com:

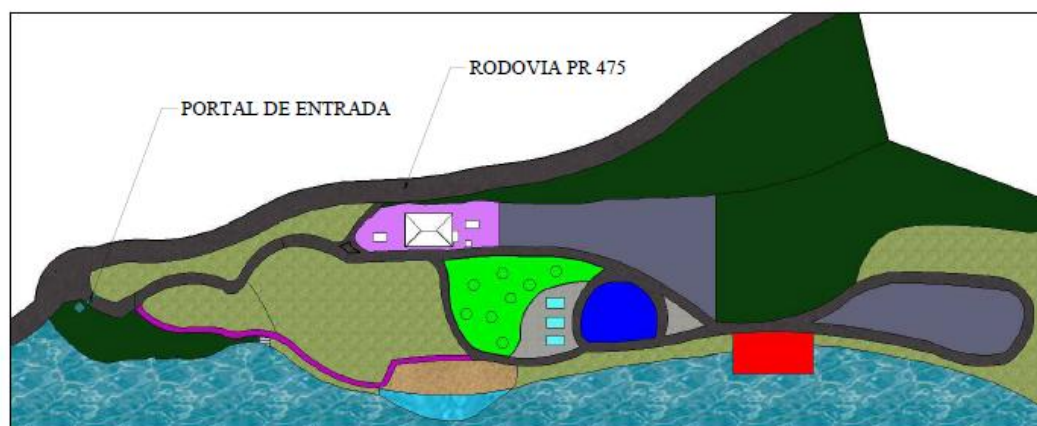
- Portal principal;
- Playground;
- Mobiliários Urbanos;
- Quadras esportivas;
- Estacionamento;
- Sanitários públicos;
- Área de camping;
- Local para pesca;
- Quiosques;
- Área para caminhadas;
- Marcação da área apropriada para banho;
- Duchas;
- Área de preservação permanente.

Diante destas propostas, procura-se atender todo e qualquer tipo de público no qual farão algum tipo de participação no local, deixando-o mais atrativo e chamativo, fixando o interesse dos usuários.

4.4 PLANO DE MASSA

Com o intuito de melhor entender a proposta de Requalificação do balneário, de Quedas do Iguaçu-PR o plano de massa procura a melhor visualização do projeto. Diante do pré-dimensionamento, é feito e organizado as massas abaixo:

Figura 14: Plano de massa



LEGENDA:

- PORTAL DE ENTRADA E ADMINISTRAÇÃO
- ÁREA DE CAMINHADA EXISTENTE
- QUIOSQUES
- PLAYGROUND
- PARQUE DE AREIA
- ÁREA DELIMITADA PARA BANHO
- ÁREA DE PESCA
- ESTACIONAMENTO
- ÁREA EXISTENTE COM BANHEIROS, POSTO POLICIAL E LANCHONETE
- ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE
- ÁREA PARA CAMPING

Fonte: Autora, 2017

Diante deste capítulo, pode-se obter o melhor entendimento e esclarecimento do plano de massas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a pesquisa, através do suporte teórico desenvolvido acerca dos quatro pilares da arquitetura, pode-se afirmar que os fundamentos arquitetônicos contribuíram efetivamente para posterior concepção do projeto paisagístico do Balneário em Quedas do Iguaçu-PR. Desta maneira, foi possível verificar os aspectos conceituais e projetuais que a obra deveria contemplar. Verificou-se que a proposta de requalificação do Balneário deve-se pelo estado de decadência que o local se encontra. Assim através de um planejamento correto o local pode se tornar um grande atrativo para a região, proporcionando momentos de lazer e descontração para os seus visitantes.

Os estudos perante os pilares da arquitetura (histórias e teorias, metodologias de projetos da arquitetura e paisagismo, urbanismo e planejamento urbano e tecnologia das construções) possibilitaram relacionar o conhecimento adquirido na arquitetura e urbanismo, num contexto geral, ao projeto de arquitetura e paisagismo, tema de pesquisa deste trabalho. Assim, este estudo possibilitará um projeto, para a requalificação paisagística no município de Quedas do Iguaçu Paraná, mais satisfatório.

Em cada período a população se relacionava de maneira diferente com a arquitetura, dessa forma, ainda resta estudar como a população atual se relaciona com a arquitetura, que em sua contemporaneidade, é tão diversificada e, assim, ver como o espaço projetado proporciona o bem-estar da população.

O processo projetual é a parte primordial da arquitetura, em que se define tudo o que vai acontecer antes, durante e depois da execução da obra. Logo, o conhecimento em metodologias de projetos, capacita o profissional para encontrar num espaço a combinação adequada de cores, revestimentos, materiais e mobiliários, capazes de criar as sensações desejadas.

O trabalho relatou a análise de obras correlatas e referenciais, que serviram de auxílio para o desenvolvimento da proposta projetual no que se refere às questões técnicas, formais e funcionais, constatando-se assim a importância da pesquisa e análise para o processo da monografia.

Como partido arquitetônico, o conforto e bem-estar dos usuários foram a principal questão do projeto, trazendo de volta para a cidade uma área de lazer e diversão com a intenção de proporcionar a mais adequada proposta final, o projeto conta com programa de necessidades e plano de massa para melhor entendimento da proposta.

REFERÊNCIAS

ABBUD, B. **Criando Paisagens**. Ed. 4, São Paulo, 2006.

ABIKO, A.K; ALMEIDA, M.A.P; BARREIROS, M.A.F. **Urbanismo: História e Desenvolvimento**. 1995. Disponível em: <<http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/08/urbanismo-historiaedesenvolvimento.pdf>> Acesso em: 27 de mar.2017.

ANDRADE, M.M. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. Ed.6, São Paulo: Atlas, 2003.

ARCHIDAILY. **Reurbanização da orla do lago Paprocany**. 2016. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/794563/reurbanizacao-da-orla-do-lago-paprocany-rs-plus>

BENEVOLO, L. **História da Cidade**. Ed 3, São Paulo, 2003.

_____. **História da Arquitetura Moderna**. 3 ed. São Paulo, 2010.

BITAR, Omar Yazbek. **Revegetação de áreas de mineração: critérios de monitoramento e avaliação do desempenho**. Dissertação de Doutorado. USP, 2005.

BRUAND. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva. 2005.

CASTRO,G. **Praça Ari Coelho**. 2013. Disponível em: <https://kekanto.com.br/biz/praca-ari-coelho>

CARVALHO, M.M. **Clima Urbano e Vegetação: Estudo analítico e prospectivo do parque das dunas em natal**. 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/Patricia/Downloads/Dissertao__Marcia_Monteiro_de_Carvalho__2001.pdf> Acesso em: 27 de mar.2017.

COLIN, S. **Uma introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro, 2000.

COSTA, C. S. **Áreas Verdes: um elemento chave para a sustentabilidade urbana**. 2010. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.126/3672>

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa/ Portugal, 2004.

CORREDOR CULTURAL PRAÇA DA LIBERDADE – **Inventário Qualitativo, Escritório de Arquitetura Maia Arquitetos & Associados e Belotur**. Disponível em: <http://www.andaminas.com.br/?load=mod4&idm=68&id=43&acao=v>

DOURADO, GUILHERME MAZZA. **Modernidade Verde: Jardins Burle Marx**, São Paulo Editora Senac São Paulo, 2009.

FILHO, J. **Paisagismo princípios básicos**. Viçosa-MG, 2001.

FILHO, J. **Paisagismo elementos de composição e estética**. Viçosa-MG, 2002.

FARAH, I. SCHLEE, M.B. **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil**. São Paulo, 2010.

FRANCO, M.A.R. **Desenho Ambiental: Uma Introdução a Arquitetura da Paisagem com o Paradigma Ecológico**. São Paulo: 3ª reimpressão, 2000;

GABRIEL, A. **Especial Cidades: Quedas do Iguaçu – PR**. 2015. Disponível em: <http://www.compadreosvaldinho.com.br/2015/05/25/especial-cidades-quedas-do-iguacu-pr/>

GLANCEY, J. **História da arquitetura**. 1 ed. São Paulo, 2001.

GUEDES, João Batista. **Design no Urbano. Metodologia de análise visual de equipamentos no meio urbano**. Universidade Federal de Pernambuco – Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. 2005.

LANDIM, P. C. **Desenho de paisagem urbana: As cidades do interior paulista**. São Paulo: UNESP, 2004.

LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana**. 5 edição. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LIMA, V. **A Sociedade e a Natureza na paisagem urbana: análise de indicadores para avaliar a qualidade ambiental**. 2013. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/dis_teses/13/dr/valeria.pdf> Acesso em: 25 de mar.2017.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACEDO, S. **Paisagismo Brasileiro na virada do Século**. São Paulo, 2012.

MALEQUE, Miria Roseira. **Cultura, Patrimônio e Habitação: Possibilidades e Modelos**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2004.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 6ª edição. São Paulo: Atlas S. A., 2006.

MARX, R. B. **Arte & Paisagem**. 2ª edição. São Paulo: Studio Nobel, 2004

MASCARÓ, L.; MASCARÓ J. **Vegetação Urbana**. 2ª edição. Porto Alegre: Mais Quatro, 2005.

MERCADANTE, R. Parque Aquático Municipal de Quedas do Iguaçu. Disponível em: <http://mapio.net/pic/p-46166709>

MUNICÍPIO DE QUEDAS DO IGUAÇU. **Dados do município**. Disponível em: <http://www.quedasdoiguacu.pr.gov.br/site/cidade.html>

NETTO, C. **A construção do sentido na arquitetura**. 4 ed. São Paulo, 1999.

NEVES, L. P. **Adoção do partido na arquitetura**. 3ª ed. Salvador: EDUFBA, 2012.

OLIVEIRA, A. R. **Parque do Flamengo: instrumento de planificação e resistência**. 2006. Disponível em:
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/288>

PETRUCCI, E. G. R. **Concreto de cimento Portland**. 13ª edição. São Paulo: Globo, 1998.

QUEIROZ, T, N. A. **Paisagismo**. 2013. Disponível em:
 <file:///C:/Users/Patricia/Downloads/paisagismo-82161315.pdf
 > Acesso em 25 de mar.2017.

REBELLO, Y. C. P. **A Concepção Estrutural e a Arquitetura**. Ed. 3 São Paulo, 2003.
 RIPPER, E. **Manual Prático de Materiais de Construção**. São Paulo, 1995.

RIO, V.D. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo, 1990.

ROBBA, F. MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**. 3ªEd, EDUSP, 2010.

ROMERO, M.A.B. **Princípios Bioclimáticos para o Desenho Urbano**. Ed. 2, São Paulo, 2000.

RODRIGUES, R.R. & GANDOLFI, S. 2004. **Conceitos, tendências e ações para a recuperação de Florestas Ciliares**. In Rodrigues, R.R. & Leitão Filho, H.F. Matas Ciliares: Conservação e Recuperação. EDUSP/FAPESP 3º ed, p.235-247.

SILVA, A.M.R. **Requalificação urbana: o exemplo da intervenção Polis em Leira**. 2011. Disponível em:
 <File:///C:/Users/Patricia/Downloads/TESE%20de%20Ana%20Marina%20Silva.pdf>
 Acesso em: 25 de mar.2017.

SIQUEIRA, V. B. **Burle Marx**. 2ª reimpressão, São Paulo, 2004.

SILVA, A.M. **História de Salto Osório**. 2013. Disponível em:
<http://vilasaltoosorio.blogspot.com.br/2013/04/>

SÁNCHEZ, L.E. **Avaliação de impacto ambiental conceitos e métodos**. São Paulo: oficina de textos, 2006.

WATERMAN, T. **Fundamentos de Paisagismo**. Porto Alegre, 2010.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. 5 ed. São Paulo, 2000.

_____. **Saber ver a arquitetura**. 5ª edição. São Paulo, 1996.

